

## Seu Agenor conta velhas estórias

Os moradores costumam dizer que o Amparo do Tororó é hoje um local desamparado. A afirmativa é do mais velho morador do bairro, Agenor Rodrigues da Cruz, 79 anos, dos quais 49 vividos no local. Atualmente ele reside na casa de número 2 da rua da Capelinha próximo à Paróquia Nossa Senhora da Conceição do Tororó.

Agenor conta que chegou no bairro por volta de 1941 quando não havia nem asfalto, e o transporte era feito por bondes da Companhia de Linhas Circulares da Bahia. Naquela época, o bairro notabilizava-se pelas festas de carnaval organizadas pelo morador Mário Andrade, um fornecedor de querosene já falecido.

Mesmo sem carnaval a movimentação dos populares era intensa sobretudo no mês de dezembro, durante a festa religiosa de Nossa Senhora da Conceição do Amparo do Tororó, e no mês de fevereiro durante a tradicional lavagem das escadarias da Igreja, "hoje uma bagunça", comenta. Os olhos de seu Agenor brilham quando ele fala das antigas tradições do bairro, do tempo da Escola de Samba Filhos do Tororó, quando os cordões blocos e clubes carnavalescos, como Fantoques da Euterpe e Inocentes, desfilavam por aqui com

suas alegorias. "Naquele tempo, o carnaval era melhor, era falado. Hoje surgiram blocos como Secos e Molhados, Apaches do Tororó, e há também o Panca Vazia.

Entre os afazeres da casa e cuidados com a Igreja, seu Agenor cita outros fatos da história do bairro, quando o transporte para a Vasco da Gama era feito através do Dique do Tororó. No todo havia 23 saveiros, há uns 30 anos, e era comum a realização de corridas todo ano, lembra com saudades.

### PROBLEMAS

O morador José Roberto, que reside no prédio de número 136 da rua Amparo do Tororó, há mais de 25 anos, garante que os problemas do bairro são antigos. Miraldo Muniz Gama, morador no andar térreo do edifício 140, concorda e retifica que as duas principais dificuldades do Tororó hoje são transporte e segurança. A ausência de transportes aliada à má vontade dos taxeiros em entrar no bairro, é hoje seguramente um dos fatores que mais revolta o morador. Segurança também não há, adverte José Roberto, adiantando que a qualquer hora do dia qualquer pessoa pode ser assaltada. "Por isso é que eu ando armado", complementa.

Outras queixas dos moradores referem-se ao péssimo abastecimento de água, que cai no máximo durante três horas e assim mesmo no período noturno, ou ainda aos registros errados da Coelba. Quanto mais os moradores economizam energia mais aumentam as taxas. A falta de limpeza é outro problema grave. Não há regularidade no serviço de coleta da Limpurb, **containers** nas ruas ou ainda um trabalho de capinação frequente nas encostas, que servem como abrigo de marginais e para proliferação de invasões. Lazer também não há. Todas as opções ficam no Centro, notadamente na área do Centro Histórico ou Orla Marítima. Além disso, os moradores tem dificuldades de acesso, mesmo para o centro.

Dona Mercês Coelho, que reside há 33 anos no local, afirmou que anda muito revoltada em não poder se mudar do bairro. "Aqui não tem, por exemplo, um açougue e se a gente quer comprar uma dúzia de ovos tem de se deslocar até a estação da Lapa devido a falta de transporte". Esta parece ser a questão crucial do bairro e todos os moradores entrevistados reivindicam que a Prefeitura instale, pelo menos, uma linha circular no local.